

AS MUITAS HORAS DE UM CONTRATO ZERO HORA

Lucas Antonio dos Anjos Nascimento¹

RESUMO: O objetivo desse artigo é analisar, a partir da ótica do tempo de espera, as condições de trabalho impostas aos entregadores de aplicativos. O tempo é essencial na realização desses trabalhos, pois definem metas, jornadas de trabalho e implicam também nas condições mentais e físicas dos entregadores. Nos tempos livres, predominantes na execução do trabalho uberizado, os entregadores expõem suas fragilidades, medos e angústias em formas de competições, brigas e desentendem o tédio com o consumo de drogas. Os dados foram obtidos a partir de uma etnografia participativa, realizada pelo autor durante nove meses em trabalho de campo. Espera-se a partir desse contexto aprofundar o debate acerca da precarização do trabalho, apresentando algumas condições de trabalho no cotidiano de um grupo de entregadores que se concentra em uma *praça* em Osasco, São Paulo.

PALAVRAS-CHAVE: Entregadores. Motoboys. Trabalho por aplicativo. Plataformas digitais. Trabalho urbano.

THE EXTENDED HOURS FROM A ZERO HOUR CONTRACT

ABSTRACT: The objective of this article is to analyze, from the perspective of waiting time, the working conditions imposed on app delivery people. Time is essential when carrying out these jobs, as they define goals, working hours and also affect the mental and

¹ Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas. Pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. E-mail: lucasdosanjos182@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-7805-010X>.

physical conditions of the delivery people. In their free time, which predominates when carrying out uberized work, delivery drivers expose their weaknesses, fears and anxieties in the form of competitions, fights and take out their boredom with drug use. The data were obtained from a participatory ethnography, in which the author carried out fieldwork for 6 months. From this context, it is expected to deepen the debate on the precariousness of work, adding elements such as the choice of these delivery men in carrying out these jobs, presenting the particularities of the daily life of a group of delivery men who are concentrated in a square in Osasco, São Paulo.

KEYWORDS: Delivery people. Motorcycle couriers. Work per application. Digital platforms. Urban work.

LAS DEMASIADAS HORAS DEL CONTRATO DE TRABAJO ZERO HORAS

RESUMEN: El objetivo de este artículo es analizar, desde la perspectiva del tiempo de espera, las condiciones de trabajo impuestas a los repartidores de aplicaciones. El tiempo es esencial en la realización de estos trabajos, ya que define metas, jornadas laborales y también implica en las condiciones mentales y físicas de los repartidores. En los tiempos libres, predominantes en la ejecución del trabajo uberizado, los repartidores exponen sus fragilidades, miedos y angustias en formas de competiciones, peleas y descargan el aburrimiento con el consumo de drogas. Los datos fueron obtenidos a partir de una etnografía participativa, realizada por el autor durante nueve meses en trabajo de campo. Se espera a partir de este contexto profundizar el debate acerca de la precarización del trabajo, presentando algunas condiciones laborales en el cotidiano de un grupo de repartidores que se concentra en una plaza en Osasco, São Paulo.

PALABRAS CLAVE: Repartidores. Motoboys. Trabajo por aplicación. Plataformas digitales. Trabajo urbano.

INTRODUÇÃO

As políticas de isolamento social foram palco de disputas de grupos à direita e à esquerda e, com o passar dos meses, compartilhamos como forma de corrente a mensagem do *lockdown*: “se puder, fique em casa”².

² Importante ressaltar que o lema foi “construído” a partir das disputas em volta das políticas

Isso porque milhares de trabalhadores e trabalhadoras brasileiras não puderam ser atendidos pela política de distanciamento social, tendo que tomar coletivos, muitas vezes lotados, e enfrentar o cotidiano de trabalho, pois os ditos “serviços essenciais” continuaram a funcionar: restaurantes, supermercados, farmácias e outros comércios que atendiam às necessidades básicas, e outras nem tão básicas, daqueles e daquelas que puderam se preservar no trabalho *home office*³ (SANTOS & FUKUDA, 2023).

Entre esses trabalhadores que não puderam se poupar, a categoria dos entregadores de aplicativos como iFood, Rappi, etc., foi na contramão do aumento da taxa de desemprego e apresentou uma ascensão. Entre os anos de 2020 e 2021, segundo o Sindicato dos Mensageiros Motociclistas, Ciclistas e Mototaxistas do Estado de São Paulo (SindimotoSP), houve o aumento de 40% no número de entregadores por aplicativos, saltando para mais de 305 mil em fevereiro de 2021⁴.

Uma gama de estudos sobre esses trabalhos uberizados foram produzidos internacionalmente (DE STEFANO, 2016; HUWLS, 2017; SUNDARARAJAN, 2017; SCHOLZ, 2013; SLEE, 2017; WOODCOCK, 2020) e nacionalmente (ANTUNES, 2018; 2020a; 2020b; ABÍLIO, 2019; 2020; 2023; GONTIJO, 2023; OLIVEIRA & FESTI, 2023) sobre o tema.

de isolamento social adotadas. Como consequência da necessidade dos chamados “serviços essenciais”, parte da população nacional não pôde seguir - ou não foi atendida - pela execução da política de *lockdown*. No início da pandemia, em março de 2020, o lema era “fique em casa”, fortemente confrontado pela direita e pelo Presidente Jair Bolsonaro (2019-2022) por “atrapalhar a economia do país” e, em defesa das chamadas atividades essenciais, o governo federal adotou o lema “se puder, fique em casa”, adotado a posteriori pela esquerda por consideração às frações da classe trabalhadora impedidas de seguir o isolamento social (PIRIS & AZEVEDO, 2022)

³ Os trabalhos deslocados para o *home office* possuem altos níveis de escolarização dos trabalhadores e são cargos técnicos-administrativos, cujas funções podiam ser realizadas remotamente e, principalmente, ter uma gestão do trabalho, da produtividade (mesmo que subjetiva) e do tempo trabalhado possíveis de ser realizada pela empresa ao qual o empregado é subordinado (*Ibidem*).

⁴ STOCHERO, Tahiane. Com pandemia, número de profissionais de motofrete cresce 40% em um ano na cidade de SP. G1, São Paulo. 07/março/2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/03/07/apos-um-ano-de-pandemia-numero-de-profissionais-de-motofrete-cresce-40percent-em-um-ano-na-cidade-de-sp.ghtml>>. Acesso em: 01/maio/2023.

Antes de tudo, é preciso compreender que a uberização é o resultado da reorientação das forças produtivas do capital para o capital financeiro em alguns países, em detrimento da terceirização e racionalização da produção nos países industrializados (HARVEY, 1992). Os trabalhadores desde então lidam com novas formas de controle do tempo e da produção, através da adoção dos modelos *just in time*, acompanhados de formas de gestão da produção como *kanbans* e 5S, por exemplo (ANTUNES, 2018; 2020b) em espaços de trabalho produtivos, como fábricas.

Essa reorganização do trabalho é focada na descentralização do trabalho e a terceirização da produção, que posteriormente introduziu a terceirização dos serviços internos improdutivos, resultando em trabalhos intermitentes com pouca seguridade social e, por vezes, privados de direitos trabalhistas (ANTUNES, 2009; 2018; 2020b). Tais alterações das formas e modelos de trabalho também dependeram dos avanços tecnológicos que culminaram em facilidades comunicativas, ampliando mais ainda os horizontes da descentralização e terceirização. Embora as realidades das fábricas produtivas não seja mais a majoritária, observa-se uma continuidade das práticas adotadas no sistema quando se observam os trabalhos uberizados: descentralizados e intermitentes, mas com a novidade de serem desregulados (ABÍLIO, 2020).

As formas de trabalho uberizadas depositam sobre os trabalhadores todas as responsabilidades que anteriormente eram dos empregadores, tais como o fornecimento das ferramentas e equipamentos de segurança, treinamentos para a prática do trabalho e equipamentos adequados para a realização dos mesmos (ABÍLIO, 2021; ANTUNES, 2020a; SLEE, 2017). Isso somado à forma de trabalho desregulado em relação as leis trabalhistas, observa-se o aprofundamento do trabalho intermitente e, por consequência, o aumento de jornadas de trabalho estendidas. Uma vez que esses trabalhadores têm remuneração variável com a quantidade de entregas realizadas (GONTJO, 2021; WOODCOOCK; 2020), as jornadas se estendem até que os trabalhadores atinjam suas metas definidas pelo autogerenciamento subordinado às regras dos aplicativos (ABÍLIO, 2021).

Sobretudo durante o *Breque dos Apps*, as longas jornadas de trabalho em contradição à baixa remuneração eram denunciadas pelos entregadores

(MACHADO, 2020) como uma das faces do trabalho precário. Mesmo sendo um trabalho de *zero hour contract*, onde o trabalhador recebe por serviço realizado a partir de uma demanda gerada pela plataforma (ANTUNES, 2009), propagandeados como formas de trabalhos onde o trabalhador escolhe o período e os horários de trabalho dentre de uma flexibilidade (LIMA & VERÁS DE OLIVEIRA, 2021), os trabalhadores trabalham longos períodos e são responsáveis por autogerir suas horas, metas diárias e estratégias para otimização dos faturamentos (ABÍLIO, 2020).

Esse modelo de *autogerenciamento subordinado* (ABÍLIO, 2019; 2020) ao mesmo tempo responsabiliza os trabalhadores quanto aos tempos dedicados às plataformas, a obtenção de suas ferramentas de trabalho e sempre subordinadas à gestão algorítmica do aplicativo (HUWLS, 2017). Essa gestão algorítmica distribuí as ordens de serviços às plataformas de *delivery*, que sem explicitar aos entregadores quais as regras para a divisão, distribuiu entre os pedidos valorizando os *scores* dos entregadores (GONTIJO, 2023; LAPA, 2023). Como resultado da gestão algorítmica, observa longas jornadas de trabalho entre os entregadores da categoria que ora faturam mais, ora faturam menos sem conseguirem compreender os critérios de divisão.

Não obstante, as formas de *gestão algorítmica* têm desenvolvido subcategorias do trabalho, como as *operadoras logísticas*, chamadas de “OLs”, que são empresas terceirizadas ao qual os entregadores preenchem planilhas de turnos de trabalho, respondem a um “líder” da *praça* e não escolhem seus horários de intervalo (FIORAVANTE *et al*, 2023; OLIVEIRA, 2023). Concomitante às OLs, há ainda a subcategoria de entregador *nuvem*, cuja gestão algorítmica é realizada inteiramente pela plataforma.

Tempo livre e tempo de trabalho, como opostos um do outro (ADORNO, 2002), tornam-se subjetividades no trabalho por aplicativo que não remunera por horas trabalhadas e sim por *deliverys* realizados. Neste sentido, há uma gama de autores internacionais (CANT, 2019; DUBAL, 2020; 2023; WOODCOCK, 2020) e nacionais (GONTIJO, 2023; LAPA, 2023; OLIVEIRA, 2022) que exploram a ideia de uma *remuneração por peça*, visto que os trabalhadores têm baixa remuneração por serviço concluído

(GONTIJO, 2023) em detrimento de extensas jornadas de trabalho sem serviços (CANTI, 2019).

Mais do que as formas de remuneração, o objetivo deste artigo é apresentar a partir de uma perspectiva etnográfica o tempo livre durante as jornadas de trabalho dos entregadores de aplicativos. A etnografia foi feita a partir de um trabalho de campo realizado ao longo de nove meses⁵. O trabalho de campo foi realizado em local de permanência dos entregadores entre uma entrega e outra, denominados pelos mesmos de *praças*, na cidade de Osasco, São Paulo⁶. Nesta *praça*, acompanhei o cotidiano de entregadores apoiado pelo interlocutor principal C. que me apresentou aos demais entregadores e interlocutores da pesquisa. As *praças* se formaram de duas maneiras, uma em decorrência da primeira, sendo 1) a formação de múltiplas centralidades urbanas que disponibilizam comércios, serviços e moradias *intramuros* (FRÚGOLI JR, 2006) e 2) a gestão do trabalho a partir das operadoras logísticas (OL) que divide o espaço urbano em *praças* e *zonas* de *delivery* (TOZI, 2023).

A hipótese trabalhada no artigo é que as formas de gerenciamento algorítmico associadas às subcategorias de entrega, implicam diretamente nas longas jornadas de trabalho que, por sua vez, são parte da precariedade do trabalho uberizado. O artigo é dividido em duas partes: a primeira parte aborda-se as subcategorias do trabalho e a partir dos relatos etnográficos, as impressões e estratégias adotadas pelos entregadores para otimizarem seus faturamentos ao longo do tempo dedicado ao trabalho. Na segunda parte, abordarei as estratégias e as formas de ocupação do tempo livre desenvolvidas pelos entregadores durante as rotinas. Tanto os tempos livres e de trabalho quanto às estratégias dos entregadores para lidarem com o cotidiano atrelado ao trabalho dos aplicativos, são explorados como condições precárias dessas formas de trabalho.

⁵ A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética de Pesquisa (CEPe) e aprovada em 25/maio/2022 sob o registro CAAE 68510223.7.0000.8142. Todos os nomes verdadeiros e localização do espaço foram omitidos, a fim de garantir as seguranças éticas dos participantes da pesquisa.

⁶ Onde desde 2020 a iFood tem sede instalada.

A TERCEIRIZAÇÃO DA UBERIZAÇÃO: MODALIDADES DE ENTREGA

Muitos foram os dias em que a expectativa era tão grande quanto a quantidade de baseados que circulavam entre os entregadores na *praça*. Aqui e ali, uma roda nova se formava e então os lamentos entoavam. Os entregadores esperavam mexendo suas pernas inquietas sobre os bancos, ou riscando o chão com algum galho ou pedra, por exemplo, que alcançaram por estarem agachados no meio-fio. Não havia um entregador que não olhasse para o celular: estivessem eles acompanhando vídeos curtos de redes sociais⁷ ou dando rápidas olhadas, entre um trago e outro, a expectativa era que as telas mostrassem algum pedido oculto que por um acaso nunca tivesse *tocado*⁸ para eles.

A angústia acompanhava o movimento da sombra das árvores na *praça*, que algumas vezes crescia tanto quanto a escuridão da noite, pois ainda que ao longo do dia tenham feito algum faturamento, muitas vezes estavam longe de suas metas pessoais e o fim do dia era iminente. Essa é talvez uma das facetas mais aterrorizantes do *autogerenciamento subordinado*, no qual o entregador é “reduzido a força de trabalho [que significa] estar disponível e ser utilizado da forma mais eficiente possível, na maior intensidade possível, no tempo que for necessário, obtendo remuneração apenas pelo tempo em que efetivamente se produz” (ABÍLIO, 2023, p. 35). Neste sentido, o entregador além de receber apenas quando realiza entregas e é produtivo para a empresa, este só entrega, só trabalha, só produz, quando os aplicativos permitem.

⁷ Importante ressaltar que o *infinite scroll*, forma de disponibilização algorítmica infinita de conteúdo encontrado no Tik Tok, Instagram, também oferece propagandas de diversas mercadorias e casas de apostas (LIBERATO, 2023) e também exibem perfis com discursos políticos ideológicos sob a o algoritmo da “política da imagem” (BEIGUELMAN, 2021). Portanto, nos momentos de intervalo entre as entregas, os entregadores consomem conteúdos políticos e comerciais, além de outros conteúdos direcionados através da geração de algoritmos, em plataformas de vídeos rápidos, muitas vezes sem a constatação da veracidade de muitos fatos apresentados e abordados.

⁸ Entre os entregadores, receber uma ordem de *delivery* é *tocar o aplicativo*, uma alusão às notificações sonoras emitidas pelos celulares quando os entregadores são solicitados.

Os dias de muita espera e expectativa não significam total improdutividade, pelo contrário: havia uma diminuição no ritmo da produção por conta do aumento dos intervalos determinados pela distribuição algorítmica dos aplicativos, que distribui as *ordens* entre entregadores com maiores scores e menos taxas de cancelamento (DESGRANDES, 2020; OLIVEIRA & FESTI, 2023). Ao longo dos dias, observava que alguns entregadores saíam mais do que outros para as entregas, gerando especulações do porquê isso acontecia no imaginário dos entregadores. Eles faziam uma avaliação franca, com base em suas observações cotidianas, sobre a demanda de pedidos entre as categorias OL e nuvem, levando-os a cálculos e planejamentos a fim de orientarem melhor suas horas e aumentarem seus rendimentos com as entregas.

C. num determinado dia me convidou para sentar junto dele à sombra de uma árvore com mais dois entregadores enquanto não saíam pedidos para entregas. Conversávamos assuntos aleatórios, atentos aos celulares sob a expectativa de *tocar um pedido*⁹. Até que o celular de um deles *toca* e ele, de forma tímida, saiu da Praça para retirar o pedido e fazer a entrega. Os outros entregadores e C. o provocaram, dizendo que ele era “sócio da *base*” e, por isso, “sempre está nas entregas”. Isso, inclusive, coloca em voga a ideia de remuneração por peça nas plataformas (DUBAL, 2020; 2023; GONTIJO, 2023; LAPA, 2023; OLIVEIRA, 2022; WOODCOCK, 2020), pois estas partem de um pressuposto de que o entregador aumenta sua jornada para aumentar o número de entregas e, portanto, sua remuneração. Porém, se por um lado as extensas jornadas de trabalho são consequência do baixo valor pago às entregas, semelhante aos salários por peças nas indústrias produtivas, por outro lado os entregadores não têm opção de aumentarem o ritmo e a frequência em que *tocam* os pedidos, pois são subordinados às distribuições feitas pelos algoritmos (ABÍLIO, 2020; SLEE, 2017). O *autogerenciamento subordinado* - é importante ressaltar - parte primeiro das estratégias adotadas pelos trabalhadores para aumentarem sua renda, pois não possuem salários fixos (autogerenciamento) mas estão

⁹ *Tocar* é exatamente a expressão que os entregadores se referem ao fato de receberem uma ordem de entrega. Logo, quando a demanda é baixa *não toca pedido* e quando a demanda é alta *tocam pedidos*.

subordinados à gamificação dos algoritmos da plataforma, que privilegiam alguns entregadores em detrimento de outros (ABÍLIO, 2019; 2023).

Naquele dia, por exemplo, aparentemente só tocava para OL, pois o tal “sócio da base” não parava de receber pedidos. Parecido com ele, outros entregadores também saíam para as entregas, voltando em aproximadamente 30 ou 40 minutos. Durante mais de uma hora não tocou o aplicativo do C., o que lhe forçara a parar para almoçar sua marmita preparada pela esposa com arroz, feijão, cenoura e um hambúrguer processado. C. não se queixava, pelo contrário: enfatizava aos outros que jamais viraria OL. Em suas palavras:

Eu como nuvem tô suave! Eu, sim, *trampo* a hora que quero e onde eu quero. Não tô nessa ilusão que vocês tem com base OL, não, tá ligado? Amanhã ou depois elas somem com o dinheiro de vocês [sic] tudo... aí eu quero ver. Nunca vi: trabalho flexível com hora pra logar no aplicativo, tendo que pagar taxa pra tirar o dinheiro! Tá *loco*, mano? Por isso que a nossa classe não consegue nada: a gente aceita essas porrr* aí que oferecem pra gente! [C. - Transcrição do Diário de Campo, Agosto de 2023].

C. enfatizava sua vontade de permanecer enquanto entregador nuvem e se vangloriava de ter começado “nas entregas” antes do aumento repentino de entregadores nos aplicativos. Comparando as formas de trabalho, ele enfatizou que trabalhar como nuvem era mais vantajoso:

A OL é a operadora logística. Tipo assim: a iFood não tava dando conta de cadastrar todos os cara que queria ir pra entrega e contratou essas empresa pra poder dar esse suporte. Daí os cara dessas empresa repassa os dados pro iFood, faz as contas da gente e distribui os pedidos dos restaurante. Só que aí cê tem turno de trabalho, taxa pra sacar o dinheiro, um monte de maracutaia porque os cara não vai fazer isso de graça, né? O sistema funciona assim. [C. - Transcrição do Diário de Campo, Agosto de 2023].

Na prática, as operadoras logísticas são empresas terceirizadas contratadas pela iFood para realizar o cadastro dos entregadores na plataforma, administrar os pagamentos chamados de “repasses” que podem ser semanais, quinzenais ou mensais e também organizam os turnos de trabalho e os locais de trabalho. Para isso, exigem que os entregadores preencham diariamente uma planilha que contém informações dos turnos (café da manhã, almoço, café da tarde e janta) e as praças (localizações) que os entregadores ficarão à espera dos pedidos para as entregas (ABÍLIO, 2023; GONTIJO, 2023; OLIVEIRA, 2022; TOZI, 2023).

Isso implicava em constantes reclamações entre os entregadores. Ao tornar-se um entregador de subcategoria OL, este fica mais vulnerável, pois além das condições impostas pelos Termos de Usos e Serviços do iFood, o entregador também está sujeito aos termos pré-acordados com as OLs. O que observei em campo se iguala à literatura (ABÍLIO, 2023; TOZI, 2023): Eles não podem faltar nos turnos selecionados, podendo acarretar em punições como a suspensão do aplicativo durante as horas do turno ou durante o dia; ao escolherem a praça onde trabalharão, são obrigados a voltar à essas praças depois das entregas, podendo não receber mais pedidos no dia; são obrigados a solicitar ao funcionário da base, também terceirizado, que este realize sem login na conta antes do início do turno.

Em outras palavras, os entregadores dessa modalidade estão sujeitos a um controle do seu trabalho e tem sua produção, ou entregas, administradas por empresas terceirizadas que têm acessos aos dados pessoais do entregador, se estão ou não cumprindo os tempos requisitados para a realização das entregas, além de controlarem se o entregador está ou não realizando o serviço como parte do *gerenciamento algorítmico* (ABÍLIO, 2021; GONTIJO, 2023). Em contrapartida oferecem saques mais rápidos que a iFood, tendo o entregador três opções atualmente: o saque diário, onde o entregador poderá receber no mesmo dia o faturamento realizado; o saque semanal, com o acumulado da semana e o saque quinzenal, modalidade também oferecida pela plataforma. Com exceção do saque quinzenal, todos os outros possuem taxas fixadas para a realização da operação.

Entre os entregadores, porém, há a impressão de que mesmo sob essas condições, quando comparados aos entregadores nuvem, eles possuem vantagens. A primeira delas é o tempo de espera entre o momento em que se realiza o cadastro na plataforma e que se aprova o entregador. No ano de 2022, segundo os interlocutores em campo, o tempo médio de aprovação de um entregador na plataforma, tornando-se, portanto, um entregador nuvem, era de mais de 180 dias. Não obstante, segundo os entregadores as operadoras logísticas possuem parcerias com redes de restaurantes e *shoppings centers*, sendo responsáveis por uma distribuição maior de pedidos naquela localidade que a própria iFood. Além do fato de que ao estarem ligados a uma praça de trabalho pré-determinada pela OL¹⁰, não circulam sem rumo pela cidade: recebiam sempre pedidos cujas entregas eram realizadas em um raio de até 10 km e voltavam para o mesmo posto à espera de mais pedidos, causando uma certa previsibilidade do trabalho que um *nuvem* não possuía.

Entre os entregadores adeptos à modalidade OL, a vantagem maior são os tempos menores de espera: menos tempo para adentrar à plataforma, menos tempo para sacar o dinheiro, menos tempo circulando pela cidade sem pedidos, menos tempo parado na praça esperando para ir para as entregas. Neste trabalho, o tempo é um grande inimigo e a espera a principal aliada deste. Há, no entanto, quem se negue a migrar para as OLs, mantendo sua conta como nuvem, alegando preferirem a flexibilidade da modalidade em detrimento da espera. Isso porque ao se livrarem das taxas e também das obrigações para o cumprimento da jornada de trabalho, além daquelas exigidas pelo iFood, alegam poderem administrar melhor sua rotina, inclusive aproveitarem de forma mais prazerosa o tempo de espera entre uma entrega e outra. Sobretudo aqueles poucos que têm com a entrega por aplicativos uma renda extra, a modalidade de nuvem dispõe ao entregador um maior controle sobre o tempo dedicado ao trabalho.

¹⁰ Isso porque essa forma de gestão também opera no espaço urbano uma divisão espacial por zonas mais ou menos favoráveis para a realização de trabalhos como *delivery* de mercadorias ou transporte de passageiros e, nesse sentido, posicionam os entregadores em regiões que são “iluminadas” (TOZI, 2023 p.18).

Há períodos de maior demanda por entregas entre os entregadores nuvens, que relatam situações em que eles sequer dão partidas em suas motos após encerrarem suas corridas e já tem novos pedidos *tocando*. No entanto, diferente dos OL, um *nuvem* está vulnerável a rodar sem perímetro delimitado, causando muitas vezes um grande distanciamento entre o local de origem do entregador e o local em que este se encontra após sua última entrega do dia que é definida a partir do autogerenciamento (ABÍLIO, 2019; 2020; ANTUNES, 2018). Apesar das taxas serem em média um pouco maiores para os entregadores nuvem, visto que não há um perímetro delimitado para atuação e o pagamento é proporcional aos quilômetros percorridos, esses entregadores encontram-se muitas vezes circulando sem pedidos para voltarem para suas casas, sobretudo de madrugada.

É fod* porque, principalmente de madrugada, se você moscar num sinal ou num bagulho, tipo assim, entrada de condomínio, porta de restaurante, os nequinho vem e te toma e fod*-se. Tem ideia, não. Ainda mais pra esses lado de São Paulo, porque aqui em Osasco a gente se conhece e conhece as quebrada, daí dá pra ir atrás. Agora em São Paulo, que nem, cê vai se jogar praquels lados da zona leste que vixe, só quebrada, cê tá foidid*. Por isso que quando eu tenho que tramar na madrugada eu saio de Biz e deixo minha CG em casa. [D. - Transcrição do Diário de Campo. Outubro de 2022].

Logo, ao optarem por permanecerem como nuvens, optam por fazer uma gestão dos riscos em relação aos intervalos entre uma entrega e outra, além da extensão da jornada de trabalho para mais de oito horas por dia. No entanto, ainda que na categoria nuvem o entregador escolha o tempo de trabalho, não escolhe onde irá parar. Há determinados lugares em que é preferível não parar por muito tempo e por isso o tempo de espera dos clientes é primordial, sobretudo aqueles que trabalham nas madrugadas da cidade. Em 5 minutos um grupo pode abordar o entregador e roubar a sua moto, ou furtá-la quando o entregador não está supervisionando-a para finalizar a entrega.

A demora de um cliente ou de um restaurante é negativa tanto para um *nuvem* quanto para um OL. Para além das possibilidades de roubo ou furto da moto, há também as punições sancionadas pelas plataformas e operadoras logísticas. O atraso de um pedido, principalmente em rotas duplas, implica em suspensão da conta por horas ou dias, sob a alegação de não cumprimento dos Termos e Serviços acordados com o aplicativo ou com a operadora logística do mesmo. Isso obriga o entregador a esperar pela volta de sua conta sem poder trabalhar e, conseqüentemente, faturar. Por isso, uma das estratégias adotadas pelos entregadores, para além de usarem motos menos visadas por criminosos, é esperar em lugares com seguranças ou com outros entregadores – as *praças*. Dessa forma, apesar do tempo entre uma entrega e outra, garantem alguma segurança durante a prática do serviço.

Neste sentido, o *tempo* é um fator determinante para a realização do trabalho dos entregadores, sendo mobilizado por vários agentes, desde clientes à bases de OL, implicando na remuneração. No entanto, os entregadores não têm autonomia sobre seu trabalho durante o tempo disponibilizado para a plataforma e dependem dos gerenciamentos algorítmicos para receberem pedidos (peças) e realizarem entregas (produzirem), logo, a partir das observações, não é possível sustentar a ideia da remuneração por peças. Ainda que o prolongamento da jornada, a baixa remuneração por entrega e o não esclarecimento de taxas e descontos realizados no pagamento dos entregadores seja semelhante às estratégias adotadas na remuneração por peça (DUBAL, 2023; GONTIJO, 2023; WOODCOCK, 2020). Estes trabalhadores não têm autonomia sobre a produção (entrega), espaço de trabalho definido e uma forma de gestão sobre a produção de fato dos entregadores, sobretudo se analisarmos os *golpes* aplicados por eles¹¹ e as situações em que o trabalho foi realizado e o

¹¹ Foge do escopo a discussão sobre os golpes realizados pelos entregadores, pois são parte das estratégias adotadas para a sobrevivência da categoria frente às más condições de trabalho e baixa remuneração. No entanto, uma das práticas de *golpes* dos entregadores é a partir do acionamento do suporte das plataformas, alegando a ausência do cliente para receber o pedido. Assim a plataforma libera o entregador para fazer novas entregas, remunera o entregador pelo trajeto percorrido, o restaurante pelo pedido preparado e ainda ressarcir o cliente que não recebeu sua entrega. É dessa forma que os pedidos nunca chegam nas nossas casas

pagamento não foi completo, por desentendimentos com clientes ou mal funcionamento das plataformas (TOZI, 2023).

Concomitante a isso, a *OL* *zação* dos entregadores amplia-se conforme mais e mais jovens desejam entrar nos aplicativos, forçando, no limite, os entregadores nuvens a aderirem a categoria para receberem mais pedidos e adotarem um regime de escalas. Uma vez que a preferência por OLs é um debate sustentado por suposições e impressões dos entregadores, a incerteza torna-se um grande motivador para que eles aderissem a outra categoria, pois ela mobiliza os entregadores de forma a identificarem o valor de seu trabalho somente com o tempo produtivo durante as jornadas de trabalho (ABÍLIO, 2023).

Como parte da precariedade dessa forma de trabalho uberizado, as longas jornadas e a expectativa fazem parte do cotidiano desses entregadores. Muitas vezes sem outras opções, esperar pelos pedidos nas *praças* implica também em relações conflituosas e sociabilidades outras que impactam na rotina de trabalho. A seguir, abordaremos a partir da perspectiva etnográfica as formas de espera e sociabilidades nas *praças*, também como elemento constituinte das condições do trabalho uberizado.

“CABEÇA VAZIA, OFICINA DO DIABO”

Sentados ao lado um do outro, no banco com tomadas, estavam lá 11 entregadores.

A expectativa era altíssima, pois passaram mais de duas horas e apenas dois deles haviam recebido entregas, tendo, inclusive, já retornado das mesmas. As pernas balançavam mais e mais com o chacoalhar dos pés apoiados no chão, enquanto estavam sentados no banco olhando em seus celulares suas redes sociais, vídeos, jogos de apostas, entre outras coisas. O que restava a todos nós era a espera e, enquanto esperávamos, queixar-se que há pouca demanda por entregadores no dia. “*Não tá tocando nada!*”, diziam os entregadores sem qualquer amparo para a aflição evidente, afinal

quando somos clientes e, na prática, o entregador não cumpriu com todas as atividades que configuram uma produção e mesmo assim é remunerado, mesmo sem a exploração de colegas ou terceirizando suas entregas.

entregador parado é entregador perdendo dinheiro, pois os custos de um dia de trabalho acontecem independente do faturamento.

Ficamos parados por horas naquela Praça e dessa vez eram aqueles que mantinham suas contas como “nuvens” que recebiam alguns pedidos. Apenas dois entregadores da categoria OL receberam pedidos naquelas horas. Realmente, tudo estava muito parado. Essa incerteza de trabalho, de dinheiro, de pedidos, é angustiante. “Não tem pedido! Não toca nada! Tá osso...”, repetiam os entregadores uns aos outros. As horas passavam, o dia avançava e as chances de bater a meta do dia ficaram menores. O trabalho por demanda, *just in time*, a base do *zero hour contract* da uberização (ABÍLIO, 2019; 2020; ANTUNES, 2018) gerencia a distribuição da força produtiva desse capital por algoritmos (DUBAL, 202; KUWS, 2017; WOODCOCK, 2020), não havendo qualquer brecha para que os entregadores ativamente aumentem o número de entregas no dia. Lhes resta esperar pela notificação do aplicativo que repete diversas vezes o nome da empresa em tom de grito: “iFood! iFood! iFood!”

Esperar é parte inevitável dessa rotina: espera-se a notificação, o pedido no restaurante, o cliente no local de entrega e, mais uma vez, outra notificação. As *praças* são espaços na cidade onde há territórios “iluminados” com infraestrutura de comércios, serviços e residências, onde a demanda pelos *delivery* é maior (TOZI, 2023). Muitas vezes sem qualquer infraestrutura que comporte os entregadores, são espaços de sociabilidade e de práticas ilícitas por parte dos entregadores durante a espera entre uma entrega e outra¹². Na *praça* formam-se diversos grupos entre 3 e 5 entregadores, que se espalham sob as sombras das árvores, enquanto sentam em suas motos, meio-fio da calçada ou ficam em pé. Há, porém, um núcleo que contém entre 10 e 15 entregadores que interagem mais, pois estão há mais anos trabalhando pela *praça* e tem um interesse em comum: fumar maconha.

¹² Junto com as *dark kitchens*, esses espaços têm se tornado locais de disputa, pois a presença dos entregadores e suas práticas no cotidiano de trabalho, como o uso de drogas ilícitas, permanecer avançando a madrugada, o barulho das motos ou simplesmente o fato de serem estacionadas sobre as calçadas, têm incomodado moradores das regiões que, por sua vez, tem acionado as formas legais de justiça (BONDUKI, 2022).

Essa mistura de relativa intimidade com a angústia da espera dos pedidos – e muita maconha circulando – era uma fórmula perigosa no cotidiano do grupo. Intrigas, competições e desconfianças afloraram nas tentativas de descontração por meio das *mulas*. Passatempo preferido dos entregadores, as *mulas* são brincadeiras que não reconhecem quaisquer limites, que não os impostos pelo alvo com muita raiva. Dentre as brincadeiras, retirar o cachimbo do motor da moto, ou esconder algum pertence como chaves da moto, bag ou celular, eram os preferidos entre os entregadores, que se divertiam ao ver o alvo da vez desesperado a procura de seus bens, enquanto ia *perdendo a linha*¹³ com a risada dos entregadores.

Quaisquer fraquezas eram exploradas nas *mulas* para passarem o tempo.

Naquele dia, alguém contou maliciosamente o boato de que um dos entregadores, o A., havia sido preso com uma carga roubada de vibradores íntimos e que havia sido liberado da delegacia mediante pagamento da fiança, bancada pela avó. Ele não estava na *praça* aquele dia. A. é um dos mais novos do grupo e tem 19 anos. É branco, pequeno e possui olheiras profundas, que se destacam na sua cara quase sempre fechada ao longo do dia na *praça*. Conversa bem e certa vez me contou que abandonou a escola no segundo ano do ensino médio, pois não se enquadra nos comportamentos exigidos. Disse que ele “aprontava demais, tá ligado? As professora, os professor... A diretora, mano: todos me detestavam porque eu era uma peste, cê é loco. Arrumava confusão com qualquer coisa e não baixava a cabeça (A. - Transcrição do Diário de Campo, Setembro de 2022).

Ele carregava consigo, em seu olhar e nas suas falas que remontavam seu passado, sentado de pernas cruzadas olhando fixamente o chão, um certo arrependimento de suas ações, tendo em vista as reconhecidas oportunidades que tivera e as decisões tomadas frente a estas oportunidades. Apesar da postura tipicamente associada a de um *ladrao*¹⁴,

¹³ Ficando irritado, irado.

¹⁴ Enquanto *postura*, me refiro à “corporalidade” (RUI, 2014) adotada pelo entregador que passava uma mensagem de indivíduo delinquente, criminoso, ao alterar sua postura e entoar tons de voz mais grossos e ríspidos em determinadas situações.

seu envolvimento com o crime era pacífico, alcançado apenas o *status* de consumidor, e nada além disso: pó, lança perfume e maconha eram suas drogas preferidas.

Sem histórico no crime, viraria alvo fácil entre os entregadores, visto que o grupo é formado majoritariamente por ex-presidiários e ex-criminosos, além daqueles que vez ou outra ainda recorrem ao crime como forma de complemento da renda de entrega por aplicativos. De fato, foi alvo fácil, pois sequer estava presente quando foi assunto da mula. Os entregadores riam ao saber da história de A. e cada vez que ela era contada, algum detalhe era adicionado. Primeiro, contaram que ele foi pego num roubo de carga, mas que alguém havia pagado a fiança. Depois contaram que quem pagou a fiança foi a avó, como quem quisesse constatar a fraqueza do ladrão a partir de quem se fazia aliado dele. Por último contaram que a carga roubada era de vibradores. Osasco é uma cidade grande de pequenas dimensões: as fofocas correm e sempre há um conhecido. Avó, vibradores, amadorismo no crime: essas eram as razões pelas quais os entregadores faziam piada de A.

Se por um lado a *fofoca* sobre a carga de vibradores tem uma série de significados simbólicos e materiais na relação entre os indivíduos, além de articular a manutenção das práticas entre estes (KOURY & BARBOSA, 2024), ela também serve de combustível para a sociabilidade em grupo e ocupação do *tédio* do tempo livre em oposição ao tempo de trabalho (ADORNO, 2002). Isso, porém, não significa que esses *tempos livres* são tempos *livres* de trabalho, pois estes entregadores continuam à disposição das plataformas se solicitados, ainda que não tenham essas horas *livres* reconhecidas como horas de trabalho (PEREIRA & BARBOSA, 2020; SILVESTRE *et al*, 2021). Portanto, brincadeiras que resultam na sabotagem das motos, em esconder instrumentos de trabalhos; fofocas que geram piadas, histórias descontraídas, são práticas associadas ao *lazer* que, por sua vez, está associado à horas livres, mas que aqui se configura mais como um recurso contra o *tédio* das horas improdutivas de trabalho que geram angústias ao entregador.

Não ironicamente, pois a princípio não se pode ter *lazer* no trabalho (HUNGARO, 2008), o assunto é abruptamente alterado e os entregadores

passaram a recolher um pouco dos sorrisos. Um a um, começaram a contar as passagens que assinaram; quanto tempo e onde ficaram presos; quais as dificuldades enfrentadas; com que conhecidos ficaram presos, etc. Roubo de carga, assalto, tráfico, porte de armas, estelionato, eram ditos em formatos de artigos do código penal, seguidos das localidades e do tempo de prisão. Um por um iam se abrindo. Era possível ouvir algumas risadas, principalmente quando contavam histórias pitorescas de conhecidos que ficaram presos juntos e, de alguma forma, encontravam algum amparo quando dividiram as dificuldades na prisão um com os outros.

Conforme contavam, também desafiavam uns aos outros a demonstrar mais resiliência. Sempre havia uma cena mais chocante ou um perrengue maior enfrentado, desde o *parceiro* que pegou tuberculose no fundo da cela, até aquele que passou noites em claro pensando num acerto de contas no corredor da prisão. A saudade dos pais, das companheiras, dos filhos e filhas, chegava a ser elementos extras frente aos relatos de perdas de peso e solidão enfrentadas na cadeia. O *proceder*¹⁵ e a forma de organização do espaço, de alguma forma, ecoavam de dentro dos muros do cárcere até a organização daquela *praça*. Alguns ali, um ou dois anos mais novos que eu, tinha o mesmo tempo dentro da prisão que eu tinha, até o momento, dentro da universidade.

Tal qual descrito por Feltran (2007), estes indivíduos possuem trajetórias familiares marcadas por prisões, mortes e outros *corres*, num cotidiano dicotomizado entre “trabalhadores e bandidos”. Isso porque torna-se um ciclo repetitivo, de *entra e sai* da prisão, intercalando momentos de liberdade e de cárcere. Agora, estes indivíduos que só encontraram uma forma lícita de obtenção de renda a partir da subordinação aos discursos de “autonomia”, “fazer seu próprio horário” (LIMA & VERÁS DE OLIVEIRA, 2021) que são operados pela gerência algorítmica (GONTIJO, 2020; LAPA, 2023; WOODCOCK, 2020) e fragilizam ainda mais jovens periféricos durante as longas jornadas de trabalho (ABÍLIO, 2020), tentam

¹⁵ Quanto a *proceder*, me refiro às práticas, corporalidades e comportamentos assumidos por integrantes do sistema carcerário e do crime, que mantêm as relações entre os pares de forma harmoniosa a partir de uma série de regras não escritas, mas operadas de acordo com o julgamento das ações cometidas uns com os outros (MARQUES, 2009).

remediar o tédio do *tempo livre subordinado ao trabalho* (SILVESTRE *et al*, 2021) na liberdade distante do cárcere. A diferença é o que foi de fato liberto: apenas os corpos desses entregadores, pois seus tempos ainda estavam aprisionados.

ILICITUDES DO TEMPO LIVRE

O grupo da Praça em geral é jovem. Os entregadores possuem entre 18 e 35 anos, sendo que a faixa etária com maior número de sujeitos está entre os 18 e 25 anos como na maioria dos casos (ANTUNES, 2020; ABÍLIO, 2019; 2020; GONTIJO, 2023; LAPA, 2023; OLIVEIRA; FESTI, 2023). Aqueles mais velhos e com mais tempo de profissão acabaram por aderir à modalidade nuvem, visto que no período em que se cadastraram não havia um lapso grande entre o cadastro e a aprovação. Aqueles mais jovens e com menos tempo de entrega estavam majoritariamente na categoria OL.

Acompanhada ou desacompanhada de *mulas*, a principal forma de passar o tempo na Praça é fumando maconha. Não é nem um pouco difícil ser oferecido a um baseado na *praça*, independente da hora do dia. Os entregadores fumam mesmo com a grande circulação de transeuntes, policiais e políticos da cidade, como o próprio prefeito, e poupam apenas as poucas crianças que passam por ali. Para atender a grande demanda por *ficar chapado* a fim de superar o tédio, é preciso uma grande quantidade de droga, o que não se encontra na *praça*. É preciso enfatizar que não há tráfico de drogas na *praça*, pelo contrário: as quantidades compradas não superam o peso determinado pela legislação brasileira como a de um usuário de maconha, pois lá eles compram em grupo para consumos individuais. Cada um faz seu *corre*¹⁶ e disponibiliza um *intera*¹⁷ baseado na

¹⁶ *Corre* é uma expressão mobilizada nas periferias paulistanas, que fazer alusão a práticas lícitas ou ilícitas para obtenção de dinheiro após a reestruturação do trabalho no Brasil e a predominância de trabalhos temporários, ou *bicos* (ZORZO & SOUZA, 2021), passando a ser também uma expressão usada pelos usuários de drogas ilícitas quando estes vão comprá-las para consumo (FROMM, 2017).

¹⁷ A *intera* é a expressão usada por eles para se referir a complementos financeiros ou materiais.

roda, mas o *corre* comprado é próprio e não compartilhado, devendo haver uma certa reciprocidade. Aqueles que contribuem pouco para as seções de baseado são mal vistos aos olhos dos demais entregadores, sendo considerados *encostados* e *abusados*.

No entanto, é preciso que alguém vá buscar a droga, sobretudo quando esta acaba. Os entregadores mais velhos de idade normalmente não se envolvem nesses *corres*, acionando apenas alguns contatos quando preciso que, por sua vez, levam a droga até a Praça. São os *corres de pedaço*, que custam entre 50 e 100 reais e tem entre 15 e 30 gramas de maconha prensada. Os mais novos, porém, estão constantemente indo buscar maconha nas biqueiras mais próximas. Depois de um tempo passei a notar que eram principalmente aqueles que recebiam poucos pedidos e saíam pouco para entregas os mais dispostos a ir buscar um *corre*. A razão é que ao se expor indo até a biqueira e comprando às vezes 10 parangas de maconha de uma vez, esses entregadores recebiam um *adianto*: uma quantidade em dinheiro dividida entre grupo que, na prática, é o pagamento do frete realizado pelo entregador que foi *fazer o corre* - comprar a maconha.

Destaca-se aqui uma evidência da gerência algorítmica que “o trabalhador está disponível, mas não tem qualquer possibilidade de negociação ou influência na determinação da distribuição de seu próprio trabalho” (ABÍLIO, 2019 p. 3), além de apontar para uma das estratégias adotados pelos entregadores para a sobrevivência no trabalho uberizado, que nesse caso atua de duas formas: a primeira é a estratégia para recursos financeiros, semelhantes às *virações* autogerenciadas (OLIVEIRA, 2003); a segunda e a estratégia em relação ao *tempo improdutivo*, imposto pelas plataformas de demandam a disponibilidade do tempo do entregador ainda mesmo sem serviço (ANTUNES, 2009; 2018; ABÍLIO, 2019; 2023; LAPA, 2023; SLEE, 2017).

A espera pelos pedidos se realiza entre *mulas* e *baseados*. A maconha acaba sendo um passatempo plausível aos entregadores, sobretudo porque amortiza os efeitos da euforia causada pela espera e também gera uma

Portanto, quando um entregador faz a intera do cigarro, dá uma porção de sua droga que, junto com as porções doadas pelos demais, as outras *interas*, formam o volume necessário para o cigarro.

sociabilidade em grupo, fortalecendo as relações e o entrosamento entre os entregadores. Isso não significa, porém, que há uma unidade geral entre os entregadores da *praça*, pois as intrigas se afloram também nos momentos de pouca sobriedade. As provocações são carregadas de desconfiança sobre quem consegue, quem pode, quem fez mais coisas e, inclusive, quem ajuda mais no baseado aos demais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre entregadores *nuvem* e *OL*, as horas dos dias passam diferentes. A percepção desses entregadores implica diretamente em suas expectativas e frustrações. Não obstante, o cansaço seguido de uma baixa remuneração, os coloca em um labirinto entre se terceirizarem na plataforma ou se manterem autônomos subordinados. Neste sentido, as plataformas gerenciam e disponibilizam o tempo livre e de trabalho dos entregadores mesmo que as formas desse gerenciamento não sejam esclarecidas. Logo, o tempo de espera passou a operar mais um dos níveis da precarização do trabalhador. Para além da precarização que envolve a não remuneração do trabalhador que fica disponível para a plataforma, isso implica também em novos riscos ao trabalhador, que se envolve em atividades ilícitas para renda extra, além de interferir diretamente na saúde física e psicológica dos grupos. As estratégias para burlar o tempo de espera, como as *mulas* ou o consumo de maconha, são fragmentos da precariedade do trabalho uberizado, em aplicativos, por revelarem duas instâncias.

A primeira delas é a competitividade dos entregadores, que se veem em relação uns aos outros mais ou menos aptos para o recebimento de demandas, sobretudo com a subdivisão entre entregadores *OLs* e *nuvens*. Essa estratégia de gerenciamento dos entregadores nas plataformas também é um trampolim para o aumento da precariedade no trabalho, visto que estes sujeitos estariam vulneráveis a mais um nível de exploração por parte de uma empresa terceirizada - que por sua vez é contratada de uma empresa que uberiza os trabalhadores.

A segunda deriva das trajetórias individuais e coletivas dos entregadores: são trabalhadores que estiveram à margem, à espera de

políticas, propostas de emprego e oportunidades de melhoria de vida e que encontram nos aplicativos a única alternativa da vida sob a legalidade jurídica. Daí a segunda instância recai sobre essa dicotomia entre “trabalhador e bandido” que

nada menos que o acesso ao “direitos e ter direitos”, elemento central na conformação do mundo público. Essa nomeação, define então, quem pode e quem não pode estabelecer-se como sujeito nos espaços públicos, e quem são os adversários a serem reprimidos (FELTRAN, 2007 p. 49).

Estes entregadores encontraram, no limite, uma forma de obtenção de dinheiro e ocupação do espaço a partir da desregularização nessas formas de trabalho, que fragilizam direitos e deveres trabalhistas dos entregadores (ABÍLIO, 2020; ANTUNES, 2018) e são ofertadas, travestidas de “liberdades”, aos trabalhadores. No caso destes entregadores, a *uberização* é uma saída, tendo em vista seus antecedentes criminais, bem como a ausência de políticas de geração de emprego e renda às populações mais pobres nos anos 2000, após forte desindustrialização de centros urbanos (OLIVEIRA, 2003; TELLES, 2016). Assim, ainda que seus corpos estejam livres para a circulação, consumo de substâncias ilícitas e produção de territorialidades urbanas (RUI, 2014), não tem qualquer liberdade sobre o tempo, pois mesmo nos intervalos entre uma entrega e outra, o *tempo improdutivo não remunerado*, estes trabalhadores mantêm-se disponíveis às plataformas com a expectativa de atingirem suas metas de faturamento individuais.

Não obstante, a etnografia urbana e/ou do trabalho, como teoria e método (PEIRANO, 2014), mostra-se uma forte fonte de dados e informações para a compreensão do trabalho operado por plataformas em centros urbanos. A partir das observações, questionaram-se algumas ideias tanto quanto outras foram fortalecidas, pois o cotidiano desses trabalhos e as formas de organização, resistência e sobrevivência são parte da vivência desses entregadores antes de serem uberizados.

REFERÊNCIAS

- ABÍLIO, Ludmila Costhek. Uberização: Do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado. *Psicoperspectivas*, v. 18, n. 3, p. 41-51, 2019.
- ABÍLIO, Ludmila Costhek. Uberização: a era do trabalhador just-in-time?. *Estudos avançados*, v. 34, p. 111-126, 2020.
- ABÍLIO, Ludmila Costhek. Uberização e juventude periférica: desigualdades, autogerenciamento e novas formas de controle do trabalho. *Novos estudos CEBRAP*, v. 39, p. 579-597, 2021.
- ABÍLIO, Ludmila Costhek. Uberização, Autogerenciamento e o Governo da Viração. In: TOZI, Fábio. *Plataformas digitais e novas desigualdades socioespaciais*. São Paulo. Editora Max Limonad, 2023, p. 31-44.
- ADORNO, Theodor W. Tempo livre. In: ADORNO, Theodor. *Palavras e sinais*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 70-82.
- ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.
- ANTUNES, Ricardo. *O Privilégio da Servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018.
- ANTUNES, Ricardo. *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil IV: trabalho digital, autogestão e expropriação da vida*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.
- ANTUNES, Ricardo. *Uberização, trabalho digital e indústria 4.0*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020a.
- ANTUNES, Ricardo. Qual é o futuro do trabalho na Era Digital?. *Laborare*, v. 3, n. 4, p. 6-14, 2020b.
- BEIGUELMAN, Giselle. *Políticas da imagem: vigilância e resistência na dadosfera*. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

- BONDUKI, Nabil. Dark kitchens, que vieram para ficar, são boas para as cidades? - 13/fevereiro/2022 - Folha de S. Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/nabil-bonduki/2022/02/dark-kitchens-que-vieram-para-ficar-sao-boas-para-as-cidades.shtml>. Acesso em: 31 mar. 2024.
- BRAGA, Ruy. *A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018 [2015].
- CANT, Callum. *Riding for Deliveroo: Resistance in the new economy*. London: John Wiley & Sons, 2019.
- DESGRANGES, Nina. Os algoritmos do empreendedorismo: A plataformação do trabalho de entregadores de iFood. *Pensata*, v. 9, n. 2, 2021. DOI: 10.34024/pensata.2020.v9.11136. Acesso em: 14 mar. 2024.
- DE STEFANO, Valerio. The rise of the just-in-time workforce: On-demand work, crowdwork, and labor protection in the gig-economy. *Comp. Lab. L. & Pol'y J.*, v. 37, p. 471, 2016.
- DUBAL, Veena, The Time Politics of Home-Based Digital Piecework (July 12, 2020). *Center for Ethics Journal: Perspectives on Ethics, Symposium Issue "The Future of Work in the Age of Automation and AI."* Volume 2020, p 50. Available at <https://c4ejournal.net/2020/07/04/v-b-dubal-the-time-politics-of-home-based-digital-piecework-2020-c4ej-xxx/>, UC Hastings Research Paper Forthcoming, Available at SSRN: <https://ssrn.com/abstract=3649270> or <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3649270>
- DUBAL, Veena. On algorithmic wage discrimination. *Columbia Law Review*, v. 123, n. 7, p. 1929-1992, 2023.
- FIORAVANTI, Livia Maschio; MARTINS, Felipe Rangel; RIZEK, Cibele Saliba. Plataformas digitais e fluxos urbanos: dispersão e controle do trabalho precário. *Cadernos Metrópole*, v. 26, p. 69-96, 2023.

- FELTRAN, Gabriel. Trabalhadores e bandidos: categorias de nomeação, significados políticos. *Temáticas*, v. 15, n. 30, p. 11-50, 2007.
- FROMM, Deborah. Percursos e refúgios urbanos. Notas sobre a circulação de usuários de crack pela trama institucional da Cracolândia de São Paulo. *Ponto Urbe*. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, n. 21, p. 1-17, 2017.
- FRÚGOLI JR, Heitor. Os Shoppings de São Paulo e a Trama do Urbano. Um olhar Antropológico. In PINTAUDI, Silvana Maria e FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor (orgs). *Shopping centers: espaço, cultura e modernidade nas cidades brasileiras*. São Paulo: Editora da Universidade Federal Paulista, 1992, p. 15-32
- FRÚGOLI JR, Heitor. *Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole*. São Paulo: Edusp, 2006.
- GONTIJO, Laura Valle. O trabalho em plataformas digitais e o salário por peça. *Laborare*, v. 6, n. 10, p. 128-149, 2023.
- HUNGARO, Edson Marcelo. *Trabalho, tempo livre e emancipação humana: os determinantes ontológicos das políticas sociais de lazer*. Tese de Doutorado em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1608104>. Acesso em: 23 mar. 2024.
- HUWS, Ursula. *A formação do cibertariado: trabalho virtual em um mundo real*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2017.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro; BARBOSA, Raoni Borges. Fofocas e rumores no cotidiano do pequeno urbano: a construção e a apresentação do self nas sociabilidades urbanas de pequena escala. *Latitude*, v. 14, n. 2, p. 56–81, 2020. DOI: 10.28998/lte.2020.n.2.6143. Acesso em: 25 mar. 2024.
- LAPA, Raphael Santos. A forma-salário sob o modelo de trabalho em plataformas digitais. *Cadernos Cemarx*, v. 17, n. 00, p. e023003, 2023.

- LIBERATO ARRUDA HISSA, D. O design multimodal do Instagram: da barra de rolagem infinita à organicidade algoritmizada do feed de notícias. *Revista Intersaberes*, v. 18, p. e023do1009, 2023. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/2496>. Acesso em: 21 mar. 2023.
- MACHADO, Leandro. Dormir na rua e pedalar 12 horas por dia: A rotina dos entregadores por aplicativo. *BBC News Brasil*, v. 22, n. 5, 2020.
- MARQUES, Adalton Jose. *Crime, proceder, convívio-seguro: um experimento antropológico a partir de relações entre ladrões*. Tese de Doutorado em 2009, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- MELLO, Leonardo. *Trabalho em grupo e sociabilidade privada*. São Paulo: Editora 34, 2004.
- MARTINS, Alex Geraldo, OLIVEIRA, Hugo Gabriel, OLIVEIRA, Isadora, OLIVEIRA, Marcos Paulo Moura, LEITE, Werner Luis Teixeira. Empresa de delivery ifood e suas relações de trabalho. *Revista Projetos Expansionistas*, v. 1, n. 2, p. 137-147, 2021.
- OLIVEIRA, Francisco de. “Passagem na neblina”. In: OLIVEIRA, Francisco de; STEDILE, João Pedro; GENOINO, José (orgs.). *Classes sociais em mudança e a luta pelo socialismo*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000, p. 7-21.
- OLIVEIRA, Francisco de. *Crítica à razão dualista/ O ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- OLIVEIRA, Murilo Carvalho Sampaio. Plataformas digitais e regulação trabalhista: precificação e controle do trabalhador neste novo modelo empresarial. *Revista da Faculdade de Direito da UFG*, v. 45, n. 3, p. 1-44, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revfd/article/view/68170>. Acesso em: 15 mar. 2024.
- OLIVEIRA, Roberto Veras de; FESTI, Ricardo Colturato. Entregadores de aplicativos no Brasil: entre a subordinação e a “autonomia”. *Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 13, n. 1, 2023.

- PEREIRA, Jussara Jessica.; BARBOSA, Jane Kelly Dantas; MARANHÃO, Carolina Machado Saraiva de Albuquerque. Sobre o tempo livre na era do teletrabalho. *Caderno de Administração*, v. 29, n.1, p. 114-131, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CadAdm/article/view/48804/751375151909>. Acesso em: 24 mar. 2024.
- PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. *Horizontes antropológicos*, v. 20, p. 377-391, 2014.
- PIRIS, Eduardo Lopes; AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan. “Fique em casa” versus “O Brasil não pode parar”: interações argumentativas na pandemia de covid-19. In: MASSMANN, Débora & PIRIS, Eduardo Lopes (org.) *A argumentação nos discursos sobre a pandemia da covid-19*. Maceió: EDUFAL, p. 32-45, 2021.
- RUI, Taniele. *Corpos abjetos: etnografia em cenários de uso e comércio de crack*. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.
- RUI, Taniele. *Nas tramas do crack: etnografia da abjeção*. Editora Terceiro Nome, 2014.
- SANTOS, Ana Carolina de Souza dos; FUKUDA, Claudia Cristina. Privilegiados da pandemia: *home office* em tempos de COVID 19. *Trabalho (En)Cena*, v. 8, p. e023012, 2023. DOI: 10.20873/2526-1487e023012. Acesso em: 19 mar. 2024.
- SCHOLZ, Trebor (Ed.). *Digital labor: The internet as playground and factory*. Abingdon: Routledge, 2013.
- SILVESTRE, Bruno Modesto; SANTOS NETO, Samuel Ribeiro dos; AMARAL, Silvia Cristina Franco. “Sem tempo, irmão”: o trabalho e o tempo livre de entregadores uberizados durante a pandemia de covid-19. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 43, p. e000421, 2021.
- TOZI, Fábio. A cidade e as novas desigualdades algorítmicas urbanas. In: TOZI, Fábio. *Plataformas digitais e novas desigualdades socioespaciais*. São Paulo: Editora Max Limonad, 2023, p. 16-30.

WOODCOCK, Jamie; JOHNSON, Mark R. Gamification: What it is, and how to fight it. *The Sociological Review*, v. 66, n. 3, p. 542-558, 2018.

WOODCOCK, Jamie. O panóptico algorítmico da Deliveroo: mensuração, precariedade e a ilusão do controle. In: ANTUNES, Ricardo (Ed.). *Uberização, trabalho digital e indústria 4.0*, v. 4, p. 23-45, 2020.

ZORZO, Francisco Antônio; SOUSA, Vinícius Andrade. Precariado contemporâneo: notas sobre a (re)produção da cultura do trabalho informal no corre. *Anais do XVII Encontro Enecult* (Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura), Salvador, 2021. Disponível em: <https://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-568/132343.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2024.

Texto recebido em 01/11/2023 e aprovado em 16/04/2024